**FORMAS COMO AS CRIANÇAS COMPREENDEM SUAS VIVÊNCIAS ESPACIAIS EM UMA CONDIÇÃO EXOTÓPICA**

Carolina Silva Gomes de Sousa / Universidade Federal Fluminense

Resumo Expandido

Este texto, escrito com base em uma pesquisa de doutorado ainda em andamento, traz à discussão um estudo sobre vivências espaciais de crianças pequenas e as possíveis formas como elas se veem. A pesquisa das espacialidades das crianças em suas vidas cotidianas de Martha Muchow (2015), a teoria Histórico-cultural de Vigotski (2018), Estudos Sociais da Infância, a Geografia da Infância e conceitos bakhtinianos, tais como os de exotopia (2006) e cronotopo (2006), servem de base para este trabalho. Observa-se como a brincadeira se constitui como principal linha de desenvolvimento na idade pré-escolar e como as vivências contribuem para as construções das lógicas das crianças.

Entendemos as crianças como sujeitos históricos e geográficos e participantes da pesquisa, não como objetos a serem analisados. São parte de um contexto histórico temporal e suas vivências afetam e são afetadas pelo entorno. Partindo de uma visão dialógica e uma condição polifônica, onde suas vivências precisam ser consideradas e suas vozes não apenas ouvidas, mas equipotentes em relação a nossas vozes (pesquisadores adultos), entendemos ser de extrema importância envolver as crianças tanto nas etapas de registro de brincadeiras quanto na análise dos dados como forma de melhor compreender sua visão exotópica dos acontecimentos por elas vivenciados. Isso posto, resgato a origem da temática.

A convivência com crianças pequenas, sendo professora de Educação Infantil há anos, permitiu a observação de brincadeiras, da curiosidade, das experimentações e vivências nos espaços escolares. Com um olhar mais atento, foi possível perceber que as crianças vivenciavam os mesmos espaços que os adultos, mas de formas diferentes. Assim começou uma pesquisa que resultou em uma dissertação de mestrado. Na ocasião, o que começou apenas como uma tentativa de compreender e comparar as relações e interações de crianças e adultos nos espaços físicos, acabou por evidenciar as mudanças de compreensão, as reelaborações das crianças sobre suas próprias vivências em uma condição de exotopia.

A pesquisa cujo campo se deu em uma escola de Educação Infantil, havia sido planejada para ter uma etapa de observação e registro de momentos de brincadeiras livres de um grupo de crianças, seguida por uma etapa de análise dos registros que consideraria não apenas minha visão, mas também das crianças participantes. A proposta seria realizar conversas para que as crianças pudessem observar os registros de suas brincadeiras e falar sobre suas vivências. Dessa forma, a intenção era fazer uma pesquisa com crianças, para compreender mais sobre como crianças e adultos vivenciavam os mesmos espaços. Contudo, por ocasião do isolamento social devido à pandemia de coronavírus, as conversas com as crianças não mais puderam ser realizadas em grupos de forma presencial. Além disso, o isolamento social também paralisou as atividades escolares por bastante tempo e o intervalo entre os registros e as conversas foi de muitos meses.

Quando as conversas ocorreram, observou-se que elas já eram outras crianças, com outras experiências e vivências em suas bagagens. Ainda que estivessem vendo registros de acontecimentos que elas mesmas tinham vivenciado, as crianças apresentaram novas vivências e reelaborações das experiências passadas. Vigotski (2018) diz que a atividade humana pode ser reprodutiva ou criadora, então, ainda que as crianças pudessem reproduzir ou reconstituir um acontecimento já vivenciado, elas podem criar algo novo, baseado nas novas vivências construídas após aquele registro. Sobre o ato criativo, Bakhtin (2021) nos diz que ele envolve processos nos quais aspectos da vida são refletidos. Para ele, o autor, para criar, precisa se deslocar.

Ao conversar com algumas crianças do grupo, esperava que elas reproduzissem as narrativas que havia registrado no momento das observações. Em meu caderno de notas, havia várias brincadeiras registradas e imaginei que elas repetiriam o que eu vi acontecer, contando detalhes a mais. Contudo, muitas delas apresentaram novas narrativas. Ainda que esteja falando sobre si mesmo, o autor, precisa se distanciar do acontecimento. As crianças, ao observarem os registros de suas brincadeiras e falarem sobre eles, não estavam apenas repetindo o já acontecido, estavam criando. Tal criação, além do distanciamento entre os acontecimentos, também mostrou a condição exotópica em que se mostravam compreendendo suas próprias vivências espaciais. Assim sendo, a pesquisa, que foi também foi atravessada por acontecimentos e pelas formas que cada ator a vivenciou, desembocou na continuidade da discussão da condição exotópica em que as crianças compreendem suas vivências espaciais. De forma mais aprofundada, o objetivo dessa nova etapa é tentar compreender como as crianças olham para suas vivências após um intervalo de tempo, como as crianças, em diferentes cronotopos, olham para os acontecimentos registrados, para suas vivências.

Ao iniciar a pesquisa de Doutorado, com o olhar voltado para as condições exotópicas e os diferentes cronotopos, ampliei a revisão de literatura, aprofundando-me nos estudos bakhtinianos. Os conceitos de dialogismo e polifonia já estavam presentes desde a pesquisa de mestrado, mesmo que, na ocasião, ainda não me fossem familiares e ou nomeados. O diálogo é o que nos constitui como humanos, é responsável por nossa vida em sociedade. Somos criados pelo diálogo e com ele aprendemos e nos desenvolvemos. Assim sendo, sem diálogo não seria possível nem mesmo iniciar a pesquisa. Dialogamos com o tempo e com o espaço. Dialogamos, inclusive, com nós mesmos. As crianças também dialogam, então, sendo parte da pesquisa, dialogam entre elas, dialogam com o tema, com o contexto, dialogam comigo. Durante a vida, tanto elas, como eu, tivemos experiências diferentes, vivenciamos uma diversidade de coisas que nos tornou únicas. Contudo, não basta ter consciência que as crianças têm voz, nem mesmo apenas ouvir o que dizem. É preciso mais, é preciso garantir a equipotência das vozes na pesquisa. Suas vozes precisam ter a mesma potência conferida às vozes dos pesquisadores adultos, precisam ser consideradas da mesma forma. Caso contrário, minha voz, como pesquisadora adulta, seria a única validada. Como não é a intenção que esta seja uma pesquisa monológica, mas polifônica, é preciso potencializar as vozes das crianças. Este é um dos princípios desta pesquisa, desde seu início.

Tendo alguns dos conceitos a serem considerados já definidos, era o momento de definir o campo de pesquisa. Desta vez, para a construção de dados, a pesquisa procura apoiar-se na observação e interação com crianças de duas instituições diferentes: um grupo de crianças da Educação Infantil de uma instituição pública, localizada em Niterói, estado do Rio de Janeiro e um grupo de crianças de uma escola pública, no município de Paysandú, Uruguai. Como primeira etapa da pesquisa, assim como na pesquisa de mestrado, fiz observações e registros escritos, em imagens e vídeos de momentos de brincadeiras das crianças.

O início do trabalho no campo foi marcado pela preocupação em como entrar em um grupo que não era apenas um grupo de crianças, mas um grupo formado por várias crianças, cada uma com sua individualidade, com suas vivências. Ainda que alguns elementos as aproximassem, como faixa etária, o fato de estarem em escolas públicas, de terem nascido e viverem na América Latina, havia muitos elementos que as afastava, como idiomas, culturas diferentes. Com tantas similaridades e diferenças, cada participante é único. Meu desafio era pensar em como ser aceita nos grupos, como convidar as crianças para pesquisar comigo, respeitando individualidades e vontades.

Além dos trâmites burocráticos, como autorizações e concordâncias e assentimento, era preciso ganhar a confiança das crianças. Ainda que eu conseguisse resolver todas as formalidades, de nada adiantaria se elas não confiassem em mim. Ao chegar às instituições, as educadoras me apresentaram às turmas, eu falei um pouco da pesquisa, perguntei se poderia permanecer com elas e as convidei para pesquisarem comigo. Para além dessa primeira impressão, coloquei-me aberta para ouvir aceites e negações durante todo o período em que permaneci com elas. Aos poucos, observando individualidades, conhecendo um pouco mais delas, aproximando ou me afastando sempre que sentia que estavam ou não dispostas a interagir, fui ganhando sua confiança e o trabalho aconteceu com tranquilidade.

A oportunidade de realizar o trabalho de campo em dois contextos diferentes, mudando não apenas o espaço físico, como também os idiomas e as culturas, foi responsável por me mostrar como a brincadeira realmente é a principal linguagem das crianças. Ao pensar em como fazer as observações em um outro país, interagindo em um idioma que não dominava, preocupei-me se a pesquisa seria realmente possível. A preocupação acompanhou-me por todo o período de preparação da viagem e de entrada no campo, mas, logo no primeiro dia pude comprovar como o idioma seria uma questão secundária, que não impediria a observação ou a interação.

As crianças uruguaias estranharam meu sotaque logo que disse minha primeira frase, imediatamente perguntaram qual o motivo de eu falar daquele jeito estranho. A educadora explicou que eu não havia nascido no Uruguai, que morava no Brasil e isso pareceu ser o suficiente para elas. No pátio, as crianças me convidaram para brincar, ensinando jogos e brincadeiras de forma prática, mostrando como participar. Aos poucos, as crianças brasileiras e as uruguaias foram me mostrando que confiavam em mim e que eu podia confiar nelas também. Permitiam que eu as observasse e registrasse, apontaram acontecimentos que consideravam importantes de serem registrados e até avisavam quando não queriam registros, mas apenas que eu brincasse com elas. Tentei manter a equipotência de nossas vozes, para que a pesquisa não deixasse de ser COM crianças e se tornasse SOBRE elas.

Após algumas semanas observando, vivenciando, registrando os mais diversos acontecimentos nas duas instituições, ao me debruçar sobre os registros, tive a certeza de que realmente não seria uma pesquisa de autoria única. Com o auxílio de Lopes (2021), que afirma que a autoria está sempre entrelaçada à autoria de outras pessoas, entendo que a autoria da pesquisa precisa do olhar de seus coautores, as crianças. Após uma primeira revisão de literatura, quando comecei a construir as bases teóricas da pesquisa, da observação e dos registros de acontecimentos em ambas as instituições de ensino, é necessário retornar para compartilhar os dados construídos com as crianças. É preciso ouvir o que elas têm a dizer sobre eles.

Os próximos passos envolvem o retorno ao campo, a formação de grupos de conversa com as crianças, onde imagens e vídeos serão compartilhados com elas para, então, ouvir o que têm a dizer. Desta forma, entendo que será possível uma melhor compreensão de suas vivências espaciais em uma condição exotópica.

Referências

AMORIM, Marilia. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: outros conceitos chave. São Paulo: Contexto, 2006. 264p. p. 94 – 114

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo Martins Fontes, 1997. 414p.

BRAIT, Beth (org.) Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2021. 224p.

BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: outros conceitos chave. São Paulo: Contexto, 2003. 264p.

LOPES, Jader Janer Moreira. Terreno Baldio: Um livro sobre balbuciar e criançar os espaços para desacostumar Geografias. Por uma Teoria sobre a Espacialização da Vida. São Carlos: Pedro& João Editores, 2001. 199p.

MEY, Günter; GÜNTHER, Hartmut. The life space of the urban child: perspective on Marta Muchow’s Classic Study. New Jersey: Transaction Publishers, New Brunswick, 2015. 362 p.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Imaginação e criação na infância.1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018, 128p.